



ANAIS

**Simpósio Internacional de Língua, Literatura e
Interculturalidade (SIELLI)
e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Campus
Cora Corálina

Universidade
Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

SUJEITOS ATRAVESSADOS PELA BARBÁRIE: A ARTE COMO CAMINHO DE HUMANIZAÇÃO

SUBJECTS CROSSED BY BARBARISM: ART AS A PATH OF HUMANIZATION

Amanda Cristina Teixeira de Oliveira¹
Luciene Araújo de Almeida²

Resumo:

O presente artigo perpassa a barbárie da segunda guerra mundial e a barbárie contemporânea calcada em Adorno (2006), Hanna Arendt (1989), Cosson (2006), Antônio Candido (2004), entre outros historiadores e filósofos que se posicionam para a conscientização da sociedade pelo viés literário. Desenvolveu-se, em uma Escola Estadual, um projeto direcionado, a princípio, para a reflexão crítica do ser como sujeito social, pois consideramos a prática social como elemento fundamental de um melhor desenvolvimento cultural e humano. Para tanto, defendeu-se a ideia de que o ensino de literatura potencializa e humaniza o indivíduo, ampliando sua capacidade de reflexão, compreensão e criticidade a respeito de si próprio e do mundo em que se insere.

Palavras-chaves: Reflexão. Conscientização. Humanização. Literatura.

Abstract:

This article goes through the barbarism of the Second World War and the contemporary barbarism based on Adorno (2006), Hanna Arendt (1989), Cosson (2006), Antônio Candido (2004), among other historians and philosophers who stand for the awareness of the society by a literary bias. This project was developed in a State School, at first, aiming at a critical reflection of the being as a social subject, as we consider social practice as a fundamental element of a better cultural and human development. To this end, it was defended the idea that the teaching of literature enhances and humanizes the individual, expanding his capacity for reflection, understanding and criticism about himself and the world in which he operates.

Keywords: Reflection. Awareness. Humanization. Literature.

“Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e
não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá
enfim evoluir a um novo nível.”
Thomas Jefferson

¹ Licenciada em Letras - Língua Portuguesa pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Goiânia. E-mail: prof.portuguesamanda@gmail.com.

² Mestre em Letras pela Faculdade de Letras – UFG. Professora no Instituto Federal de Goiás. E-mail: luciene.almeida@ifg.edu.br.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Introdução

Este trabalho tem como objetivo discutir relações entre acontecimentos históricos, do século XX, que desencadearam um dos momentos mais obscuros da sociedade ocidental, a Segunda Guerra Mundial. Acreditamos, como educadoras, que o conhecimento dos fatos pode evitar que a história se repita, mesmo que em contextos micro, como a sala de aula.

Tanto em Auschwitz como no Brasil, do período militar, os reflexos que provêm de imposições ideológicas e militantes corroboram para o cenário que vemos hoje nas escolas. O pensamento crítico deve ser o principal foco dos professores e dos alunos, o desenvolvimento educacional cresce na proporção que a sociedade se vê como um todo em processo civilizatório e humano. A arte, seja o cinema ou a literatura, é uma grande aliada para provocar reflexões. Para tanto, nos detivemos do letramento literário e cinematográfico como possibilidades de provocar os sujeitos e deslocar o olhar para um contexto mais amplo dos fatos históricos.

A partir de leituras e pesquisas, nos baseamos nas teorias filosóficas de emancipação do indivíduo por meio da leitura e da produção textual, considerando a literatura e o cinema como elementos chave para a efetiva transformação no processo educacional. Propomos uma pesquisa-ação em que os grupos envolvidos puderam conhecer esse período histórico e repensar seus lugares como sujeitos atuantes na sociedade.

A barbárie no começo do século XX

A primeira metade do século XX foi marcada por várias conquistas no campo da tecnologia, urbanização das cidades e direitos sociais. Contudo, as novas formas de busca pelo poder impactaram profundamente as relações sociais, deixando marcas indeléveis. A morte violenta e o medo cercaram esses anos tenebrosos, já que, historicamente, esse período foi marcado por espionagem, tortura, perseguição, mortes, testes químicos em grávidas, entre outras práticas bárbaras. A Primeira e a Segunda Guerra Mundial provocaram uma série de retaliações na humanidade, por meio delas foram deixados, à humanidade, resquícios do ódio, do pavor, do horror, do medo, da violência física e psicológica, principalmente pela busca de poder. Então, o problema é observar que nossa época herdou para si o bem e o mal desse passado horrendo, conforme podemos notar no fragmento abaixo:

Sem a expansão dos imperialistas levada adiante por mero amor à expansão, o mundo poderia jamais ter-se tornado um só; sem o fazer do ensino de literatura uma prática significativa para si e para os alunos” mecanismo político da burguesia que implantou o poder pelo amor ao poder; as dimensões da força humana poderiam nunca ter sido descobertas; sem a realidade fictícia dos movimentos totalitários, nos quais – pelo louvor da força por amor à força – as incertezas essenciais do nosso tempo acabaram sendo desnudadas com clareza sem par, poderíamos ter sido levados à ruína sem jamais saber o que estava acontecendo (ARENDDT, 1989, p. 7).



ANAIS

**Simposio Internacional de Língua, Literatura e
Interculturalidade (SIELLI)
e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Campus
Cora Corálina

**Universidade
Estadual de Goiás**

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

O antissemitismo, o totalitarismo e o imperialismo demonstraram que a dignidade humana necessita de uma nova garantia, segundo a autora, pois com suas atuações extremamente bárbaras durante o século XX, denunciaram que alguns indivíduos estão, na verdade, regredindo em relação a sua humanidade e civilização. Adorno reitera que “Auschwitz faz parte de um processo social objetivo de uma regressão associada ao progresso” (2006, p. 22). Durante o período mais cruel da Segunda Guerra Mundial, a sociedade se encontrava numa espécie de isolamento cultural, em que os países envolvidos detinham o poder e o pensamento coletivo, priorizando os interesses próprios do governo. Isso gerou uma instabilidade emocional grave na população, jovens intelectuais se refugiavam em outros países, ou até mesmo se escondiam em anexos para não serem mortos pela Gestapo. Ao analisarmos os acontecimentos na primeira metade desse século, é possível observar uma onda de agressividade primitiva, como Adorno aponta em *Palavras e Sinais*:

Quando o assunto é o extremo, a morte cruel, nós nos envergonhamos de uma maneira tal como se este injuriasse o sofrimento ao torná-lo, inevitavelmente, um material do qual dispõe. Sob esse aspecto deveriam ser entendidos alguns fenômenos da nova barbárie: a irrupção da desumanidade na cultura murada torna esta, que deve defender suas sublimações, propriamente selvagem assim que o faz: através da delicadeza renega a real brutalidade. O horror que um dia culminou em Auschwitz operou com uma lógica imanente ao espírito: a regressão desse. Não se pode escrever bem, literalmente falando sobre Auschwitz; devemos renunciar ao refinamento das distinções se quisermos permanecer fiéis aos nossos estímulos e, contudo, com essa renúncia, nos sujeitamos novamente à involução geral (1995, p. 12).

Crimes contra a humanidade entraram para a história da civilização por falta de respeito às diversidades e à autonomia dos seres. Com isso, Adorno (2006) afirma que o nazismo ainda persiste em existir na espécie humana, infelizmente. E agora, no século XXI, são vários os países em que as políticas fascistas de expropriação da humanidade ainda se fazem presentes. Existem causas, segundo o autor, que estão intrinsecamente relacionadas à luta pela autoconservação em um período primitivo. O que observamos é que ainda ocorrem, em todo o mundo, uma espécie de barbárie. Então, percebe-se que há modos de verdade ou concepções de verdade que guiaram os homens em suas decisões feitas em diferentes períodos da história. Assim, Freire aponta que

É neste sentido, por exemplo, que temos de reconhecer que se, de um ponto de vista progressista, a prática educativa deve ser, coerentemente, um fazer desocultador de verdades e não ocultador, nem sempre o é do ponto de vista reacionário. E se o faz, o será de forma diferente. É que há formas antagônicas de ver a verdade – a dos dominantes e a dos dominados (FREIRE, 2001, p. 22).



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Para que a sociedade se transforme de maneira positiva é necessário conscientizá-la de seus princípios, criar e educar seres humanos capacitados de acompanhar essas transformações que, a todo momento, o mundo vem sofrendo. Visto que

compreender não significa negar o ultrajante, subtrair o inaudito do que tem precedentes, ou explicar fenômenos por meio de analogias e generalidades tais que se deixa de sentir o impacto da realidade e o choque da experiência. Significa antes examinar e suportar conscientemente o fardo que os acontecimentos colocaram sobre nós — sem negar sua existência nem vergar humildemente a seu peso, como se tudo o que de fato aconteceu não pudesse ter acontecido de outra forma. Compreender significa, em suma, encarar a realidade, espontânea e atentamente, e resistir a ela — qualquer que seja, venha a ser ou possa ter sido (ARENDR, 1989, p. 13).

Por intermédio da observação, da reflexão e significação da consciência de barbárie, é que poderíamos traçar caminhos em direção a uma nova perspectiva, sendo que essa reflexão serve tanto a uma dominação cega e imperialista, quanto ao seu oposto. Ou seja, as reflexões devem ser transparentes em sua finalidade humanizadora, e não servir de pretexto para uma nova hegemonia. “O essencial é pensar a sociedade e a educação em seu devir” (ADORNO, 2006 p.12). Com isso, cabe à humanidade investir na educação para que seus caminhos possam se desenvolver a partir de uma cultura centralizada no processo de humanização, tendo em vista que se dará por meio de ferramentas educacionais como: os livros de filosofia, de literatura, da arte etc., pois “a educação é capacitante, ela aumenta nossa capacidade de ser livres” (HOOKS, 2017, p. 13).

A educação na prática social

Como, então, orientar os estudantes a esses traços contra o princípio de barbárie? Adorno dispõe que é preciso reconhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos (2006, p. 121). Por intermédio da educação se constrói a humanidade, ela é a arma propulsora de conhecimento, por meio dela pode-se revelar o senso crítico e analítico do indivíduo, fazendo com que ele tenha acesso ao conhecimento e desperte nele uma visão mais apurada sobre as transformações do mundo em sociedade. Contudo, vemos que a educação necessita de uma análise mais profunda, pois o sistema educacional vigente ainda carece de uma renovação. Paulo Freire aponta que

Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem-comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. A sua irrefreada ânsia. Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é "encher" os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação. A palavra, nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Campus
Cora Corálina

Universidade
Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante. Daí que seja mais som que significação e, assim, melhor seria não dizê-la (1987, p. 33).

Diante do exposto, o educador não deve se tornar o centro referencial de transmissão de conhecimento, como também não é o único dominador do saber, sendo que o estudante deve ser visto como um sujeito social e não um objeto de armazenar conhecimentos. A competitividade e meritocracia, princípios do capitalismo, são a base dos métodos adotados pela educação, como um modelo tradicional de ensino que está presente na maior parte das instituições públicas, privadas e, também, em diversas outras instituições comerciais que deveriam ser pautadas num outro grupo de interesses voltados para o comércio. O princípio de educação deveria ser voltado para a humanização, conscientização e reflexão do sujeito, tornando espectador que dialoga sobre suas ações, que processa e discute seus pensamentos, e não como telespectador que armazena conhecimento sem ao menos dissertar sobre ele, aceitando tudo o que lhe é proposto, sem indagar, ainda, o que lhe foi imposto.

Na verdade, o que acontece na educação é que seu propósito, que deveria estar voltado mais para o desenvolvimento cultural da sociedade e sua integridade intelectual coletiva, não tem cumprido seu papel como formador de pensamento crítico, a função primordial desse modelo educacional é formar pessoas que necessitam sempre ser “superiores” conforme seus ganhos e não conforme suas perdas, o que contribui para tornar o homem agressivo e primitivo é o modo de como deve ser visto dentro da sociedade.

A escola deve possibilitar ao indivíduo conhecer suas origens, o contexto em que está inserido, mas para que isso seja efetivo, a educação deve tomar um novo rumo. Freire (1987) adverte que o sistema educacional, que prevalece, ainda centraliza o professor como detentor de todo o saber, o qual usa esse conhecimento para benefício próprio e individual, descaracterizando todo o conhecimento que os estudantes deveriam produzir ao longo de sua caminhada. A escola precisa ser um espaço de aprendizado e compartilhamento de saberes, deve ser uma rede que fomenta e alimenta cada indivíduo de modo a fazê-lo refletir sobre si e sobre o outro, tornando os sujeitos conscientes de suas ações, refletindo e analisando criticamente o seu papel social, e ainda dotarem-se de saberes voltados para o relacionamento interacional com as coisas e com as pessoas. Adorno comenta que

Uma parte da desbarbarização [pode] ser alcançada mediante uma transformação da situação escolar numa tematização de relação com as coisas, uma tematização em que o fim da proclamação de valores tem uma função, assim como também a multiplicidade da oferta de coisas, possibilitando ao aluno uma seleção mais ampla e, nesta medida, uma melhor escolha de objetos, em vez de subordinação e objetos determinados preestabelecidos, os inevitáveis cânones educacionais (2006, p. 74).

Em vista disso, percebe-se que a educação possibilita distintos saberes. Contudo, para se promulgar os múltiplos saberes é necessário utilizar de metodologias propícias a cada reflexão. Com isso, através de obras literárias, do cinema, da arte em geral, pode-se conclamar saberes distintos, os quais, o sujeito deve fazer um movimento contra as fronteiras e para além delas, para que possa pensar e repensar, ampliando sua visão de mundo, podendo agregar um



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

conhecimento mais amplo que sempre permanecerá em seu consciente, em suas atitudes. Visto que é este movimento que transforma a educação na prática da liberdade. Dessa forma, o ensino-aprendizagem busca, também, demonstrar para o indivíduo que

reconhecer aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo. Esta me parece a essência do problema, inclusive no plano estritamente individual, pois é necessário um grande esforço de educação e autoeducação a fim de reconhecermos sinceramente este postulado. Na verdade, a tendência mais funda é achar que os nossos direitos são mais urgentes que os do próximo (CANDIDO, 2004, p. 171).

Assim, as instituições de ensino devem ter como objetivo formar o homem para a humanidade, para a humanização, sendo ele capaz de refletir, adquirir saber, ter respeito ao “outro”, mesmo sendo esse diferente de mim, perceber a complexidade do mundo e dos seres, deixando de lado as marcas registradas de uma sociedade totalitária.

A humanização a partir da educação

Humanizar diferencia-se do conceito de isolar. Isolar o indivíduo é torná-lo silencioso mediante suas angústias, humanizar é propiciar com que ele sinta e desenvolva seus saberes perante a sociedade. O isolamento se dá por intermédio do silenciamento, Beel Hooks também aponta que “a ausência do sentimento de segurança [...] muitas vezes, promove o silêncio ou a falta de envolvimento dos alunos” (2017, p. 56). Então, para tornar o sujeito humanizado, deve-se romper com esse silêncio, promover segurança e ainda deslocar o indivíduo dessa zona de isolamento. Freire afirma que, ao contrário dos animais que são “seres em si mesmo”, os seres humanos “são seres para si”, são desumanizados quando submetidos a processos que os tornam em “seres para os outros” (1982, p. 65).

Com isso, possibilitar ao educando que ele se reconheça como sujeito é permitir a ele que sua voz ecoe. A educação deve fomentar e propiciar ao estudante que ele se ressignifique diante da sociedade, despertando a consciência de seu valor e seu papel perante a humanidade. A educação deve ser o lugar em que o indivíduo se sinta livre. Bell Hooks afirma que “a educação como prática de liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender” (2017, p. 25). Sendo assim, fazer com que a educação seja uma prática libertária requer que o educador compreenda que o educando não é um “HD” (Hard Disk) que só armazena o que lhe é transmitido, mas sim ver que os sujeitos estão em plena relação com o mundo e, dessa forma, são capazes de tomarem consciência de si e do mundo (FREIRE, 1982, p. 65).

Encarar o ser humano como uma pessoa é dever do educador; logo, fazem-se urgentes mudanças nas concepções desse sistema educacional que visam a domesticação dos corpos apenas para exercerem funções no mundo do trabalho e consumo, pois um ser humano não pode ser visto como uma “coisa”, um objeto, sendo que ele é um ser capaz de transformar, de entender seus atos, tomar consciência do mundo e de si. Bell Hooks (2017), estudiosa de Paulo Freire, transcreve que aquele momento histórico, em que começamos a pensar



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

criticamente sobre nós mesmos e nossa identidade, diante das circunstâncias políticas, é o importante estágio para a transformação (2017, p. 67). A pedagogia como prática de liberdade proporciona que o ser humano aja, reflita sobre o mundo e sobre si, pensando em modificá-lo de acordo com que lhe é elaborado.

Assim, faz-se necessário encontrar essa posição diante da educação, já que é por intermédio dela que se pode proporcionar aos sujeitos sociais a reflexão, conscientização e humanização, visto ser esse um processo inteiramente ligado ao processo de emancipar o sujeito em seu âmbito individual e social. Não obstante, o sistema educacional deve ser modificado no que se refere à conscientização e humanização do indivíduo enquanto sujeito, conforme pode-se notar no fragmento abaixo,

a resistência reside na interação consciente com os discursos e representações dominantes e normativos e na criação ativa de espaços de oposição analíticos e culturais. Evidentemente, uma resistência aleatória e isolada não é eficaz quanto aquela mobilizada por meio da prática politizada e sistêmica de ensinar e aprender. Descobrir conhecimentos subjugados e tomar posse deles é um dos meios pelos quais as histórias alternativas podem ser resgatadas. Mas, para transformar radicalmente as instituições educativas, esses conhecimentos têm de ser compreendidos e definidos pedagogicamente não só como questão acadêmica, mas como questão de estratégia e prática (MOHANTY, 1990, APUD HOOKS, 2017, p. 36).

Logo, tornar o ensino uma prática que tenha como foco resistir ao sistema educacional tradicional e apenas disciplinador é de fundamental importância. No entanto, é necessário mobilizar o sistema para que seja feita uma mudança que realmente atinja a educação. Por isso, “ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas dos estudantes é essencial para criar condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo” (HOOKS, 2017, p. 25). Nessa perspectiva, um ensino que permita ao estudante poder pensar e repensar, que permita-o criar visões e concepções, que possa transgredir os olhares dele diante de si e do social.

A literatura como veículo de humanização e socialização cultural

A literatura cumpre um papel social que vai além de suas camadas históricas, pois é considerada a arte das palavras. Ela conduz seu apreciador a vivenciar situações verossímeis à cotidianidade marcada por entraves políticos, econômicos e tecnicistas, retratando os diferentes momentos sociais em que é produzida. Benedetto Croce afirma que “a literatura é a condutora para a civilização, ou, pelo menos, uma de suas condutoras para tal finalidade” (1967, p. 41). Teóricos como Antônio Candido discutem a respeito das diversas formas existentes para lidar com o progresso de uma sociedade, a considerar seu investimento numa educação humanitária baseada nos direitos humanos. Trabalhar a literatura no processo de formação do ser possibilita ao sujeito um novo olhar; por meio do universo que percorre a arte literária e cinematográfica, por exemplo, é possível transgredir os olhares da sociedade.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

A leitura do poema de Bertold Brecht, 1898-1956 exemplifica o já dito, uma vez que, além de reportar ao período da barbárie instalado na segunda guerra, também nos alerta das relações sociais em qualquer tempo histórico, pois se colocar no lugar de outros é fundamental para o que desejamos vivenciar em sociedade:

É PRECISO AGIR

Primeiro levaram os negros
Mas não me importei com isso
Eu não era negro
Em seguida levaram alguns operários
Mas não me importei com isso
Eu também não era operário
Depois prenderam os miseráveis
Mas não me importei com isso
Porque eu não sou miserável
Depois agarraram uns desempregados
Mas como tenho meu emprego
Também não me importei
Agora estão me levando
Mas já é tarde.
Como eu não me importei com ninguém
Ninguém se importa comigo.³

A linguagem literária se difere em relação a outros usos da linguagem humana, pois ela é singular e age intensamente na interação da palavra com uma experiência libertária de ser e viver, o que proporciona a emancipação. Desse modo, utilizar a literatura pode proporcionar a compreensão e reflexão das práticas que envolvem o sujeito. Assim, o letramento literário e a arte literária perpassam pelos caminhos que agregam valor ao sujeito, atingido não só o desenvolvimento do estudante, mas também a transformação positiva da sociedade na qual está inserido. Isso ocorre porque, ao descobrir o caminho que é próprio da arte, a tendência é torná-la para si e para os outros um instrumento de reflexão diante do contexto social e individual. Magda Soares nos adverte que:

Socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter uma outra condição social e cultural - não se trata propriamente de mudar de nível ou classe social, cultural, mas de mudar seu *lugar* social, seu *modo de viver* na sociedade, sua inserção na cultura – sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente (1998, p. 37).

³ Este poema foi retirado do site: <http://www.sinjur.org.br/reflexao-e-preciso-agir-por-bertold-brecht/> acesso em: 27. abr. 2021.



ANAIS

**Simposio Internacional de Língua, Literatura e
Interculturalidade (SIELLI)
e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Campus
Corá Corálina

Universidade
Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Tornar-se letrado é se desenvolver diante do mundo, é pensar na medida em que a leitura corrompe cognitivamente seus atos. Os educadores devem utilizar ferramentas propulsoras de conhecimentos para desvendar o olhar que esvaece a sociedade no decorrer do tempo, tendo em vista que a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo (COSSON, 2006, p. 19). Ainda assim,

(...) a invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado ou se persiste, mesmo que sob outras formas. Isso significa que, mesmo que compreendamos os fatos históricos em seu sentido cronológico, ou seja, algo que já passou, não há nenhuma maneira de isolar o passado do presente, pois ambos se modelam mutuamente, um inclui o outro (BAROSSO, 2017, p. 33).

Diante do exposto, a violência e o apagamento da história evidenciam as marcas dessa sociedade. Portanto, trabalhar crítica e analiticamente em sala de aula o processo histórico e construtivo das sociedades e dos sujeitos e um meio refletir sobre os modos que constituiu o homem social e, através da história, possibilitará o olhar empático sobre as dores que percorram a humanidade. Segundo Candido,

Todos sabemos que a nossa época é profundamente bárbara, embora se trate de uma barbárie ligada ao máximo de civilização. Penso que o movimento pelos direitos humanos se entronca aí, pois somos a primeira era da história em que teoricamente é possível entrever uma solução para as grandes desarmonias que geram a injustiça contra a qual lutam os homens de boa vontade à busca, não mais do estado ideal sonhado pelos utopistas racionais que nos antecederam, mas do máximo viável de igualdade e justiça, em correlação a cada momento da história (2011, p. 172).

Nessa perspectiva, Svetlana Aleksievitch diz que: “é terrível lembrar, mas é mais terrível ainda não lembrar” (2016, p. 159). Utilizar-se do passado é relembrar os atos e efeitos que foram constituídos no meio social, lembrar significa encarar a realidade e resistir a ela de modo a compreender suas causas e não deixar com que elas se encontrem no presente.

A educação deve ter como objetivo principal a reflexão crítica dos processos sociais, é ela quem irá conscientizar as pessoas para que se possa evitar a repetição de períodos bárbaros como aconteceu em Auschwitz e nos Gulags. No livro *O diário de Anne Frank* (2000), publicado por Otto Frank após a morte da filha, podemos facilmente perceber quão catastrófico pode ser manter um sistema bárbaro, como foi o nazismo, para uma sociedade em desenvolvimento, seus cidadãos, e nesse caso, especificamente, para uma adolescente de treze anos. Anne se encontra isolada do convívio social em um anexo, uma espécie de esconderijo, apenas com sua família, pai, mãe e irmã, e mais um grupo familiar de três integrantes. O que propiciou a ela estar nessa situação não foi somente a guerra desencadeada, mas a violência, o



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

antisemitismo gerado por uma sociedade condizente com o totalitarismo instaurado na Alemanha naquele período. No fragmento abaixo, retirado do livro, percebe-se tal violência.

Querida Kitty

Hoje só tenho notícias tristes e deprimentes para lhe contar. Nossos amigos judeus estão sendo levados embora às dúzias. Essa gente está sendo tratada pela Gestapo sem um mínimo de decência. São amontoados em vagões de gado e enviados para Westerbork, o grande campo de concentração para judeus, em Drente. Westerbork parece ser terrível: um único lavatório para centenas de pessoas e muito poucas privadas. Não há acomodações separadas para homens e mulheres, e todos têm que dormir juntos. Dizem que há muita imoralidade por causa disso, e muitas mulheres e até mocinhas obrigadas a ficar lá por muito tempo ficam esperando bebê. Fugir é impossível; os internados ficam marcados pela sua cabeça raspada ou pela sua aparência judia. Se é tão ruim na Holanda, imagine o que não será nas regiões bárbaras e distantes para onde são enviados? Sabemos que a maioria é assassinada. A rádio inglesa fala de morte em câmaras de gás.

Sua Anne.

Sexta-feira, 16 de outubro de 1942 (FRANK, 2000, p. 32).

Como é possível humanizar esse ser que vive momentos horrendos diante da sociedade em que está inserida? O esconderijo é seu refúgio para a sobrevivência, uma vez que a barbárie do homem criou limites para o seu viver. Ao ter contato com a narrativa de Anne, os estudantes podem observar as implicações sociais de um tempo de horror e como esse tempo foi retratado pela voz de uma menina que estava começando a viver. Diante disso, o papel da educação viria a corroborar com o fortalecimento humanitário, além da educação na primeira infância que tem como objetivo formar um caráter humanitário e social, temos também o esclarecimento do ser, produzindo intelectualidade e senso crítico, elementos que contribuem para repensar a barbárie. Tomando consciência do que foi o holocausto, o ser humano tornar-se um sujeito autoconsciente, reflexivo, crítico e analítico sobre o próprio pensamento e com o do próximo, adquirindo ainda mais respeito sobre si e sobre o outro.

Projetos de escrita criativa e análise cinematográfica na escola

No Ano de 2017, desenvolvemos um projeto, cujo foco era discutir a barbárie e refletir sobre ela nos dias atuais. Esse projeto contemplou turmas de 2º ano do Ensino Médio, e foi realizado no Colégio Estadual Buriti Sereno Garden, localizado na periferia da cidade de Aparecida de Goiânia. Sabemos que os temas transversais são fundamentais para a formação desse sujeito emancipado que acreditamos ser possível; sendo assim, além do tema central que foi a Segunda Guerra Mundial e suas consequências sociais, outros temas foram problematizados, como violência, preconceito, políticas de extermínio, valorização da vida,



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

entre outros, proporcionando aos estudantes reflexões críticas a respeito do mundo atual e do século passado.

O projeto foi iniciado na sala de aula com um debate acerca do que ocorreu em Auschwitz, e de como se instaurou a barbárie e o ódio na sociedade desde a Segunda Guerra até os dias atuais. Com o caminhar das discussões e leituras propostas, os apontamentos entre os alunos ficaram cada vez mais densos para auxiliar o entendimento e compreensão dos grupos envolvidos, como também para contribuir com a reflexão crítica e desenvolver a capacidade de análise sobre o construto social, apoiado na obra literária *Diário de Anne Frank*. Dessa forma, a medida em que a leitura prosseguia, as reflexões e discussões acerca da barbárie, do terror, da violência e da família se ampliavam. É importante lembrar que

A sala de aula, o salão de leitura não podem ser apenas lugares de tarefas e avaliações; cabe-lhes sobretudo o empenho em comover as *experiências* mais pessoais do aprendiz no resgate do texto e da palavra do outro, de modo a lograr que a *intimidade*, ao ser *partilhada*, supere seus limites individualistas e alcance uma dimensão que seja a um só tempo singular e plural. *Singular* porque original (que escapa do óbvio) e *plural* porque em diálogo com a diversidade (que não se confunde com o senso comum) (YUNES E OSWALD, 2003, p. 13).

Pensando por esse viés, buscamos trazer o livro para a nossa realidade cotidiana, visando identificar de que maneira essa história se assemelha com a vida desses estudantes, de modo a acreditar que essa prática dialogada possibilita transgredir os olhares dos leitores para uma melhor compreensão da realidade e da história, a fim de permitir o diálogo e revelarmos coisas de nós mesmos, até então desconhecidas. Após os diálogos, reflexões e análises, solicitamos que os estudantes escrevessem uma carta ou uma espécie de reflexão pessoal sobre o ocorrido. Abaixo está transcrito na íntegra um dos trabalhos recebidos. A carta, escrita por uma aluna, cujo pseudônimo é *RJ*, revela a reflexão à que a aluna chegou, não apenas por um viés histórico, mas, também, por uma concepção humanística. Segue a carta na íntegra:

Auschwitz

O campo de concentração de Auschwitz foi palco do maior genocídio do mundo, onde milhares de pessoas sentiram na pele a maldade humana por apenas serem “diferentes”. Pagaram o preço do ódio nazista com a vida. Vivenciaram o terror, as atitudes bárbaras e cruéis cometidas apenas pela diferença de sua crença. O suor de inocentes era derramado sobre o chão. Trabalho escravo era uma das cenas de desumanidade em Auschwitz, que mais tarde foi apelidado de Fábrica da Morte, na qual todo tipo de ameaça a vida ali estava contida como fome, frio, doenças, viroses etc. O desespero nos olhos de cada indivíduo que sabia o seu trágico fim. Milhares de vidas inocentes morreram devida a tão temida câmara de gás. Portanto, devemos educar nosso país, nosso povo para que tal barbárie de forma alguma venha se repetir novamente. Lamentamos pelo ocorrido, não devemos fechar os olhos para isso, muito menos silenciar o fato de que pode acontecer de novo, pois no mundo em que estamos vivendo o desrespeito, e o ódio é mais forte



ANAIS

**Simposio Internacional de Língua, Literatura e
Interculturalidade (SIELLI)
e Encontro de Letras**

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Campus
Corá Corálina

Universidade
Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

que o amor ao próximo. Portanto, é necessário conscientizar a massa sobre o holocausto, para que no futuro próximo todos sejam conscientizados de tal barbaridade, para que juntos possamos lutar pela paz mundial, pelas vidas que foram interrompidas na fábrica da morte por puro ódio nazista. “O que é feito não pode ser desfeito, mas podemos prevenir para que não aconteça novamente” (FRANK, RJ, 2017).

Dessa forma, pode-se notar, nessa escrita, que a estudante traça um percurso reflexivo a respeito do tema que foi abordado nas aulas de língua portuguesa. Por meio das discussões postas em sala e reflexões acerca dos filmes, dos documentários e do livro, ela criou e significou sua opinião diante do ocorrido, além de que mostra em seu texto a tentativa de conscientizar o próximo sobre as ações do homem. Conclui-se que, dessa forma, o papel da educação está intrinsecamente relacionado ao ato da conscientização e da reflexão do homem como sujeito coletivo e individual.

O cinema no processo educacional

Com a finalidade de dar continuidade ao projeto, seguimos com o uso da arte cinematográfica, os estudantes assistiram a três filmes que deram sequência às reflexões produzidas na aula. Ressaltamos que a escola não tinha uma sala própria para executar a atividade filmica. Destarte, os participantes assistiram aos filmes por vontade própria, em casa, e nas aulas seguintes eram feitas as discussões, debates, reflexões e análises sobre o filme proposto.

Os filmes analisados foram *O menino de pijama listrado*, *A lista de Schindler*, *A vida é bela* e *Escritores da liberdade*. São exemplos de arte cinematográfica que nos permite dialogar com os sentimentos do indivíduo, além de possibilitar a inquietação de si e do outro por meio de representações da realidade que transita por nossos devaneios pessoais e reflexivos. Assim, realizar um projeto voltado para o cenário múltiplo da escola é de suma importância, visto que no espaço escolar se desenvolvem variadas relações e práticas entre os seus sujeitos, estando as expressões culturais a elas incorporadas.

Por meio das realidades que percorrem os filmes, os estudantes puderam ver seu papel em meio à sociedade, despindo seu inconsciente por meio da identificação com a obra. Segundo Rosália Duarte, “a identificação é definida como um processo psicológico pelo qual o indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade ou um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente de acordo com o modelo escolhido” (2002, p. 71). Desse modo, a identificação consegue mobilizar no espectador os sentidos por intermédio de experiências únicas com a arte cinematográfica. No trabalho que realizam em *A escola vai ao cinema*, Teixeira & Lopes explicitam que:

tal como a literatura, a pintura, a música, o cinema deve ser um meio de explorarmos os problemas mais complexos do nosso tempo e da nossa existência, expondo e interrogando a realidade, em vez de obscurecê-la ou de a ela nos submetemos (2003, p. 10).



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Nessa perspectiva, acreditamos que a utilização do cinema para discussões de temas transversais, interdisciplinares e diversos, tenha potencialidade para transformar a sociedade em que vivemos. É importante entender que a comunidade escolar deve desenvolver um compromisso com a construção da cidadania e isso pede, necessariamente, uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social, dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal e coletiva. Dessa forma, compartilhamos os filmes com o objetivo de resgatar um período histórico que não queremos que se repita. Nesse sentido, foram feitas reflexões e análises dos filmes, dialogando com a obra lida e com o documentário para refletir acerca do ser humano no seu contexto social. Entretanto, apenas a exibição do filme não permite essa elaboração, por isso a importância do debate e de escutar a turma após a exibição. É preciso comentar imediatamente sobre o que nos sucede, ainda que nos advirta Duarte:

A significação das narrativas filmicas não se dá de forma imediata. Parece haver um certo entendimento do filme quando o vemos pela primeira vez (em geral quando o revemos damos a ele novos significados). (...) Esse entendimento vai ser organizado e ressignificado muitas vezes daquele momento em diante, a partir das reflexões que fazemos, das conversas com outros espectadores, do contato com diferentes discursos produzidos em torno daquele filme (crítica, premiações etc.) e da experiência com outros filmes, permitindo que novas interpretações sejam feitas. Isso dá um profundo dinamismo à dimensão formadora da experiência com o cinema e faz com que seus efeitos somente possam ser percebidos a médio e longo prazo (2002, p. 74).

Com isso, a sétima arte retrata os problemas sociais e pessoais de modo a possibilitar ao outro transformar, em nível macro e micro, seus pensamentos e ideologias diante da sociedade, buscando sempre a conscientização do papel de cada pessoa no meio em que está inserida. Segue abaixo um poema escrito por uma participante do projeto, identificada pelo pseudônimo RA.

O terrível holocausto
Existe uma jaula diferente
Que pássaro não prende
Pessoas inocentes
Sendo mortas cruelmente
Várias almas sem coração
Criaram o campo de concentração.
O que leva ao holocausto?
Vantagens ou fracasso?
Uma guerra em vão
Por conta da religião
A criança, o covarde ensinam
E ninguém subestima
Ninguém poderia expressar sua opinião



ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Campus
Corá Corálina

Universidade
Estadual de Goiás

09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

*Por medo de retaliação
Onde está a luz?
Aquela que me trará paz
Para o caminho o soldado me conduz
E minha vida se desfaz (RA, 2017).*

No poema escrito, pode-se notar que a participante do projeto faz uma relação entre os filmes e a obra lida, trazendo uma análise reflexiva a respeito do ser humano, da capacidade de desumanização, do preconceito instaurado na guerra, do poder sob as crianças. Então, ao ver uma realidade tão cruel, porém tão próxima da realidade, ela pode analisar e refletir sobre essa violência, além de compreender e se conscientizar desse processo histórico. Segue abaixo outro texto produzido por um participante do projeto, com o pseudônimo Dirk Franz, escolhido por ele mesmo.

Não sei muito bem como dizer isso, você esperava que eu voltasse para casa inteiro, mas acho que não conseguirei nem chegar em casa. Depois de ver todas aquelas tragédias, todas aquelas mortes, e pra quê? Nunca foi dito o motivo de tal genocídio. Eu me pergunto toda noite o motivo. Seria por necessidade. Seria por luxo. Não consigo acreditar que seja só isso, deve haver uma razão realmente verdadeira e necessária. Há tanto que eu queria falar, mas não posso, por mais que eu saiba que eu talvez nunca veja você, preciso manter um mínimo de esperança para o nosso bem, para o meu bem. Os americanos já estão na nossa porta, estão vencendo. Me arrependo de tudo que fiz, mas não acho que vou ter tempo para tais arrependimentos. Escrevo esta carta para você, mãe, para que você possa mostrar a minha família, meus filhos. Diga para eles quem o pai deles realmente foi, não quero mentiras, não mais. Isso não pode acontecer, tragédias como essa devem ser impedidas, as pessoas precisam saber a verdade, precisam saber que elas mandam no mundo, não os poderosos, os que mantem o poder, eles só têm poder porque nós demos esse poder a eles.

Adeus, mãe, e diga a minha família que eu a amo.
De seu amado filho,
Dirk Franz,
Para sua amada mãe,
Helene Franz. (RL, 2017).

Nessa belíssima carta, de Dirk Franz, percebe-se o envolvimento que o participante teve com o projeto. A partir dele, o estudante refletiu sobre e tomou consciência do ocorrido, apresentando em sua carta a barbárie e violência que o homem é capaz de produzir. Ainda nessa perspectiva, traça-se um caminho que marca a historicização do homem, visando se colocar no lugar do outro para compreender e analisar o mundo. A literatura, o cinema, as discussões, debates, reflexões e análises perante essa carta se tornaram efetivas, podendo mostrar a potencialidade que a arte propicia quando ela é instrumento de ensino-aprendizagem, tornando o estudante um sujeito liberto quando ele próprio compreende o passado, entende o presente e atua como sujeito consciente de sua narrativa.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

Desse modo, é perceptível que, por intermédio da arte cinematográfica e da arte literária, podemos transpor as amarras dessa sociedade para a construção de um novo olhar a respeito do mundo e sobre nós mesmos, vendo que essa ferramenta possibilita e potencializa a conscientização e compreensão do sujeito em relação à estrutura social e individual. Assim, ao evidenciar ao aluno sua capacidade de transformar o universo e a si, estamos o tornando um sujeito emancipado e engajado na construção de uma humanidade mais conscientizada de seus atos e ações perante o mundo.

Considerações finais

Este trabalho de conclusão de curso teve como foco principal (re)pensar o desenvolvimento social a partir da educação, apresentando como a arte pode nos auxiliar na construção de indivíduos autônomos que pensam a sociedade de maneira crítica para, assim, atuar a fim de evitar que práticas bárbaras não se repitam.

A sociedade, na qual vivemos, ainda guarda marcas dos sintomas de décadas atrás. Sistemas opressores e oligárquicos movidos pela sede de poder e ganância que por muito tempo fizeram/fazem calar uma multidão, criando seres mutilados por esse processo social opressor.

Trabalhar, com o Ensino Médio, os processos sociais pelos quais o homem tem atravessado, desde o século passado, fez-nos repensar o modo como administramos nossas aulas, como educadores, e como compartilhamos uma leitura crítica do mundo, partindo das próprias experiências estudantis, sendo que os fatos passados mediam os efeitos, acarretados historicamente, das ações inconsequentemente humanas.

No mais, constatamos que o caminho mais eficaz para que ocorra a humanização nas relações sociais é que a barbárie não se repita. Para tanto, faz-se necessário investimentos na educação emancipatória e na cultura, que proporcionem interatividade no processo ensino-aprendizagem para que os diálogos e discussões sejam enriquecidos pelo pensamento crítico, gerando a reflexão acerca das transformações sociais que remontam o mundo dia após dia.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Palavras e Sinais, modelos críticos 2**. Petrópolis: Vozes, 1995. Disponível em: < http://www.uel.br/prograd/gepe/materiais/palavras_sinais.pdf> Acesso em: 29 nov. 2019.

_____. **Educação e Emancipação**, trad. W. Leo Maar. 4. ed. SP: Ed. Paz e Terra, 2006.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. Tradução do russo Cecília Rosas. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Disponível: < <https://elivros.info/ler-online/baixar-origens-do->



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

totalitarismo-hannah-arendt-epub-pdf-mobi-ou-ler-online#epubcfi(/6/4[OdinRight]!/4/2/1:0)>
Acesso em: 29 nov. 2019.

BAROSSO, Luana. **(Pó)éticas da escrivência**. Estudos da literatura brasileira contemporânea, n. 51, p. 22-40, maio/ago. 2017.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: _____. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Duas Cidades, 2004.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. Edição integral. São Paulo: Ed. Record, 2000
Disponível em: <
https://youtruth.weebly.com/uploads/1/3/1/8/1318459/o_diario_de_anne_frank_portuguese.pdf> Acesso em: 30. nov. 2019.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. – 5. ed. São Paulo, Cortez, 2001. Disponível em:<
<http://forumeja.org.br/files/PoliticaeEducacao.pdf>> Acesso em: 29. nov. 2019.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Disponível em:
<<http://lelivros.love/book/download-pedagogia-do-oprimido-paulo-freire-em-epub-mobi-e-pdf/>> Acesso em: 29. nov. 2019.

_____. **Educação e mudança**. 12. ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979. Disponível em: <
<https://construindoumaprendizado.files.wordpress.com/2012/12/paulo-freire-educacao-e-mudanca-desbloqueado.pdf>> Acesso em: 29. nov. 2019.

_____. **Ação cultural para liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Papel da educação na humanização**. Revista Paz e Terra. São Paulo, 1969.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. trad. de Marcelo Brandão Cipolla- 2. ed. SP: Ed. Martins Fontes, 2017.

HOLLEBEN, Í. M. A. D. D. S. **Dia a dia da educação**. Disponível em:
<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/462-2.pdf>>. Acesso em: 30. nov. 2019.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.



09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

TEIXEIRA, Inês Assunção Castro; LOPES, José Sousa Miguel. **A escola vai ao cinema**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica 2003.

YUNES, Eliana; OSWALD, Maria. **A experiência da leitura**. Edições Loyola, São Paulo, 2003.